

## Hip Hop: cultura e protesto

Rafael Lopes de Sousa

Pensar a dinâmica do universo *hip hop* obriga-nos, necessariamente, a uma abordagem mais ampla das regras e costumes que os jovens da contemporaneidade inventaram para se comunicar. Esses códigos de comunicação refletem, geralmente, questões decisivas dos conflitos urbanos: violência, criminalidade, segregação, ocupação dos espaços públicos, entre outros. Quem mais sofre as consequências desse conflito são os jovens. Talvez, por isso, percebe-se neste segmento uma elaboração mais intensa de alternativas de convívio social.

Neste artigo, pretendemos levantar algumas hipóteses que, em nosso entendimento, sinalizam para um novo papel de atuação social dos jovens – seja porque as realidades do mundo político/social já não atendem mais às suas expectativas, seja porque suas exigências ganham destaque em atos e eventos públicos onde a natureza pró – ativa e descentralizada de suas manifestações permite a emergência de novos modelos e patamares de cidadania.

Há que se dizer, portanto, que depois que os estreitos limites do “choque de gerações” foram superados, depois que os “rebeldes sem causa” foram “pacificados” pelas tentações e encantos da sociedade de consumo o mundo parecia, finalmente, desfrutar seu momento de paz e harmonia no convívio social. Quando os conflitos e diferenças pareciam resolvidos, quando um silêncio constrangedor tomava conta da sociedade e fazia acreditar que tudo estava controlado, eis que eles, novamente eles, levantam-se dos escombros da História e apresentam para o mundo uma nova pauta de exigências que agora querem ver materializada imediatamente, ou seja: não mais projetada para o incerto e distante futuro.

Reivindicar mudanças imediatas requer determinada organização e implica, sobretudo, pensar em “projetos” e “modelos” a serem seguidos. O fato é que neste caso, curiosamente, o engajamento não foi tutelado por nenhum “modelo cêntrico”; foi motivado,

contrariamente, pela arte da dispersão e pela inigualável capacidade de fazer e desfazer aparências que os jovens criaram em suas manifestações para escapar do controle.

Essa capacidade de fazer e desfazer aparências levou ao surgimento de diversos micro-grupos no contexto da metropolização. Cada um desses grupos trouxe propostas específicas de intervenção e atuação no mundo circundante. Assim, apesar das especificidades, suas reivindicações nunca são excludentes, pois caminham solidariamente irmanadas na defesa de causas e interesses comuns.

O movimento *rap* ou a cultura *hip hop*, como seus agentes costumam autodenominar-se, é uma constelação resultante do pós big-bem, ocorrido na cultura juvenil no início dos anos 70 do século 20. Primeiro foi John Lennon que, sem nenhuma cerimônia anunciou: “o sonho acabou!”. Em seguida, de forma ainda mais dramática e contundente, os punks alertavam: “Não há futuro! Nem pra mim nem pra você!”. Diante deste cenário, um misto de tristeza e desprezo açambarca o sentimento dos guardiões das “verdades absolutas” e dos “modelos salvacionistas”; afinal, no passado (o passado sempre justificando o presente) esses guardiões tinham lutado e empenhado suas energias por uma “causa nobre”; agora, seus herdeiros, esses inseqüentes pirralhos, agem de maneira “escatológica”, “alienada” e, pasmem, não assumem compromisso com nada, absolutamente nada!

Percebe-se aqui uma clara tentativa de transferir as responsabilidades pelas misérias do cotidiano de um setor o outro; atentos à manobra, os jovens se afastam resolutamente da “proteção” oferecida pelos “projetos prontos” a fim de correr o risco da experimentação.

Uma maneira de entender essa situação é acompanhar a linha de pensamento de Michel Maffesoli<sup>1</sup>, para quem a postura crítica dos jovens representa um ponto alto da resistência ao individualismo e à impessoalidade enraizada no modo de ser do homem contemporâneo. Ao enfrentar essa questão de frente, os jovens se aproximam por laços de simpatia, e num mesmo movimento, inventam seus espaços privilegiados de convivência,

em que a identidade grupal está acima das vontades pessoais. Esse fenômeno, segundo Maffesoli, contribuiu para a emergência do “neotribalismo” nas sociedades urbano-industriais. Para esse autor, o surgimento das “tribos urbanas” responde, então, a um crescente desejo de restabelecimento dos laços e vínculos interpessoais interrompidos pela urbanização e metropolização intensas.

Muito embora o tema e o problema de nossa pesquisa de doutorado seja bastante específico: **O movimento Hip Hop em São Paulo nos anos 90: A anticordialidade da República dos Manos e a estética da violência**, ressaltamos que, em uma perspectiva mais ampla, ele está relacionado com as incertezas e angústias que permeiam a vivência de outras coletividades juvenis da contemporaneidade, que disputam um jogo de forças entre o interior e o exterior, isto é, entre o que se faz internamente nessas coletividades e o que se pratica externamente na vida social.

O termo tribo é, neste sentido, um referencial importante que auxilia nossas reflexões: por um lado, permite pensar a vivência juvenil a partir de suas próprias singularidades; por outro, oferece elementos para compreender a estrutura desses agrupamentos que se formam no entorno dos grandes centros urbanos.

Ressaltamos esse entorno porque a maioria das coletividades juvenis – *punks*, *skinheads*, *góticos*, *darks*, *reaggés* e agora os *rappers*, apesar de ganharem destaque nos centros iluminados da cidade, nascem, crescem e geralmente encerram suas atividades nas regiões periféricas, onde os conflitos urbanos são mais intensamente sentidos, vale dizer, vividos. Como nos alertam em suas intervenções culturais:

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada 4 pessoas mortas pela polícia 3 são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas 1 jovem negro morre violentamente em São Paulo”.  
(Racionais MC’s, do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997).

A pouca perspectiva de integração ao mercado de trabalho, o crescente desinteresse nos estudos e na instituição escolar, aliado ainda à descrença na

imparcialidade e infalibilidade da justiça, contribuíram para aumentar o flagelo social dos jovens periféricos. Com efeito, quando alguns dos pilares de inserção e sustentação dos jovens na vida social fragilizam-se, a sociedade torna-se também frágil, pois deixa de usufruir adequadamente da energia e criatividade desse segmento, que, ao se sentir impedido de participar do jogo democrático, desloca suas expectativas para um circuito fechado, pouco compreensível aos olhos da sociedade. Assim, diante de uma sociedade que cobra padrões de comportamento específicos no teatro das representações sociais, os jovens rebelam-se e respondem às cobranças com a arte de fazer e desfazer aparências. Em outras palavras, um jovem pode se vestir convencionalmente para atender, por exemplo, às exigências do emprego, mas no fim do expediente é estimulado a praticar uma radical mudança em sua personalidade mudando, entre outras coisas, a roupa, o penteado e o vocabulário. Essas transformações são, com efeito, necessárias para o indivíduo ser aceito em uma tribo e com ela partilhar os segredos, prazeres e a alegria do dê-compromisso.

No cotidiano dos jovens, essa vida facetada por uma dupla personalidade contribuiu para a criação de um novo universo simbólico, isto é, possibilitou a formação de uma máscara de proteção para a intervenção social. Nos dizeres de Maffesoli:

“A máscara pode ser uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original, a reutilização de roupas fora da moda (...). Em qualquer caso ela subordina a persona a esta sociedade secreta que é o grupo afinatório escolhido. Aí existe a ‘des-individualização’, a participação, no sentido místico do termo, a um conjunto mais vasto.”<sup>2</sup>

No caso específico do movimento *rapper*, o sofrimento gerado por sucessivas segregações provocou ódio, acumulou forças e inspirou uma inédita resistência dos jovens periféricos contra as tiranias do capital e a mesmice do cotidiano. Ao exemplo de outras coletividades juvenis da atualidade, os *rappers*, não demonstram, contudo, interesse de propor grandes transformações sociais. Querem simplesmente alertar, expor a dramática situação em que estão imersos e, com isso, cobram mais participação no jogo democrático. Essa estratégia de não veicular nenhum ideal de projeto alternativo em suas manifestações

confunde a cultura consensual, desperta suspeita nas lideranças dos movimentos sociais, que acusam os *rappers* de flertarem freqüentemente com o mundo da ilegalidade.

A idéia de criminalizar o outro, empurrando-o para as fronteiras da ilegalidade é um recurso praticado com desenvoltura e esmero, segundo alguns estudiosos, pelos mecanismos de ajuste e controle da sociedade moderna. Ao fazer menção ao mundo moderno, aliamos-nos às análises de Zygmunt Bauman para quem, a modernidade é uma “época, ou estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem ‘tradicional’, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente”.<sup>3</sup>

Pode-se dizer que, entre os objetivos desse recomeçar permanente, encontra-se a idéia de anular física e culturalmente o indivíduo para, em seguida, torná-lo estranho a seu próprio meio, criando, assim, uma categoria de rejeitados, não por aquilo que são, mas por aquilo que têm. Esses são, segundo Bauman, os “consumidores falhos”, pessoas que potencialmente podem causar problemas à ordem estabelecida, uma vez que são incapazes de participar ou mesmo responder aos atrativos da sociedade de consumo. Em suas palavras:

“Os centros comerciais e os supermercados, templos do novo credo consumista (...), impedem a entrada dos consumidores a suas próprias custas, cercando-se de câmeras de vigilância, alarmes eletrônicos e guardas fortemente armados; assim fazem as comunidades onde os consumidores afortunados e felizes vivem e desfrutam de suas novas liberdades; assim fazem os consumidores individuais, encarando suas casas e seus carros como muralhas de fortalezas permanentemente sitiadas”.<sup>4</sup>

Essa realidade logo seria percebida pelos *rappers*, que passam a contrapor em suas crônicas musicais, as diferenças entre esses dois mundos.

“Olha só aquele clube que da hora/ olha aquele campo, olha aquela quadra/ olha, quanta gente/ tem sorveteria, cinema piscina quente/ olha quanto boy, olha quanta mina/ (...) olha aquele pretinho vendo tudo do lado de fora (...). Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo (...) o incentivo no lazer é muito escasso/ É ... o centro comunitário é um fracasso. (Racionais MC's, do álbum Um Homem na Estrada de 1994 ).

Ao perceberem a condição de consumidores falhos para a qual foram relegados, os rappers propõem uma rediscussão, vale dizer, uma intervenção nos espaços públicos, sugerindo mudanças em sua geografia. Para essa discussão, eles não se apresentam, entretanto, de maneira cordial; potencializam, ao contrário seus discursos e suas intervenções com uma forte ira social.

“Minha intenção é ruim/ esvazie o lugar/ eu tô encima/ eu tô a fim/ um dois pra atirar/ eu sou bem pior do que você ta vendo/ o preto aqui não tem dó é 100% veneno/ a primeira faz *bum*/ a segunda faz *pá*/ eu tenho uma intenção e não vou parar.”

(Racionais MC's, do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997).

Como se pode depreender, as representações promovidas pelos *rappers* estão carregadas de “más intenções” contra tudo aquilo que é estranho à sua realidade. Daí a exigência, a exclamação, a intimidação, mesmo para que os “outros” esvaziem o lugar, pois território de “mano” não pode ser compartilhado com qualquer um. De onde, afinal, vem a combustão para essa ira social? Sua força e capacidade congregadora estaria, por acaso, relacionada com o discurso comunitário e coletivo de seus membros? Em outras palavras, como esses jovens conseguiram atravessar a fronteira cinzenta do mundo ilícito para divulgar outros valores de suas quebradas? Em quais bases, enfim, se constituíram-se os elementos fundadores do que aqui estamos denominando de “República dos Manos”?

São muitas as incertezas e dúvidas sobre os caminhos e possibilidades de escolha dos jovens na contemporaneidade. Essas dúvidas, de certa forma, vêm sendo tematizadas pelos *rappers*, quando, por exemplo, cantam a discriminação, a pouca oportunidade no mercado de trabalho, o analfabetismo, à violência, enfim, quando cantam todas as mazelas e obstáculos que encontram para uma participação mais efetiva na vida pública.

Para além da tensão social à qual essas questões nos remetem, é interessante notar, que a pobreza e o isolamento social dessas coletividades têm, paradoxalmente, transformado-se em poderosos estimuladores para uma criatividade emancipatória sem precedentes na periferia de São Paulo, o que possivelmente sinaliza para sintomas de um

processo evolutivo e crescimento pessoal dos indivíduos dessas paragens, uma vez que os jovens que transitam pelo universo *rap* não o fazem só por lazer, mas encontram aí a oportunidade de falar de forma realista de suas condições de vida, evidenciando, desse modo, as contradições sociais do país.

Refletindo sobre as vicissitudes dos modos de viver na atualidade, diversos estudiosos, como Teresa Caldeira e o próprio Bauman, observam que todas as vezes que o espaço público sofreu mudanças para atender interesses de setores específicos, as contradições sociais se revelaram-se mais intensamente.

Para Caldeira<sup>5</sup>, a síndrome do medo instaurada em uma população vitimada pela violência e pelo crime levou determinados setores da população a adotarem medidas extremas de relacionamento com o universo público. Inicialmente, com elevado grau de desconfiança na capacidade dos poderes públicos de zelar por sua segurança, os “consumidores ativos” contrataram empresas privadas de segurança para protegê-los. Em seguida, ao perceberem que essa medida era ainda insuficiente, eles edificaram condomínios fechados numa clara e ostensiva tentativa de evitar encontros com aqueles que consideram “diferentes” e, por conta disso, “perigosos.”

Posição semelhante é, igualmente, defendida por Bauman, quando conclui que a sociedade moderna criou uma categoria de estranhos considerados irrelevante mas, apesar disso, necessários à manutenção da sociedade.

“Os estranhos são pessoas que você paga pelos serviços que elas prestam e pelo direito de terminar com os serviços delas logo que já não tragam prazer. Em nenhum momento, realmente, os estranhos comprometem a liberdade do consumidor de seus serviços.”<sup>6</sup>

A cultura *hip hop* tem se firmado como um importante meio de aglutinação para os jovens de periferia debater as contradições contemporâneas, que incidem diretamente em suas vidas. Portanto, mais do que estranhos, seus membros são incomôdos, pois teimam em trazer à tona o avesso do país implodindo, a “*rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária*”.<sup>7</sup>

<sup>1</sup> MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na Sociedade de massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 128.

<sup>3</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 20.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 24.

<sup>5</sup> CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed., 34/Edusp, 2000.

<sup>6</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. Cit.*, p. 41.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 19.